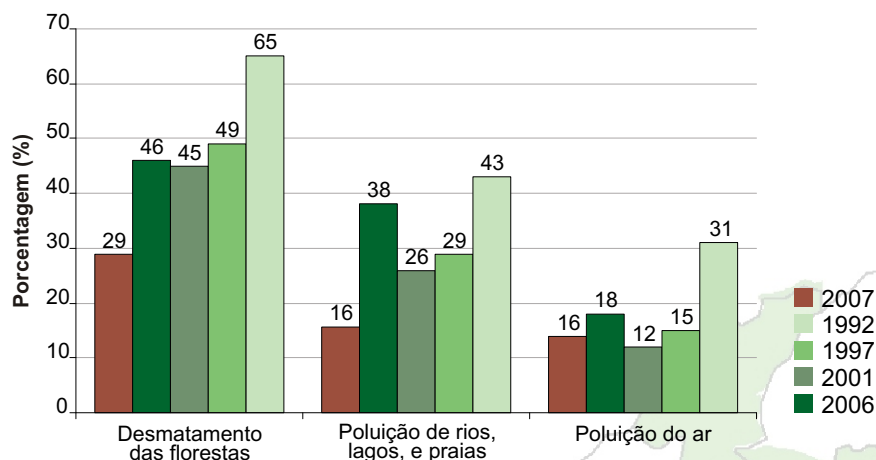
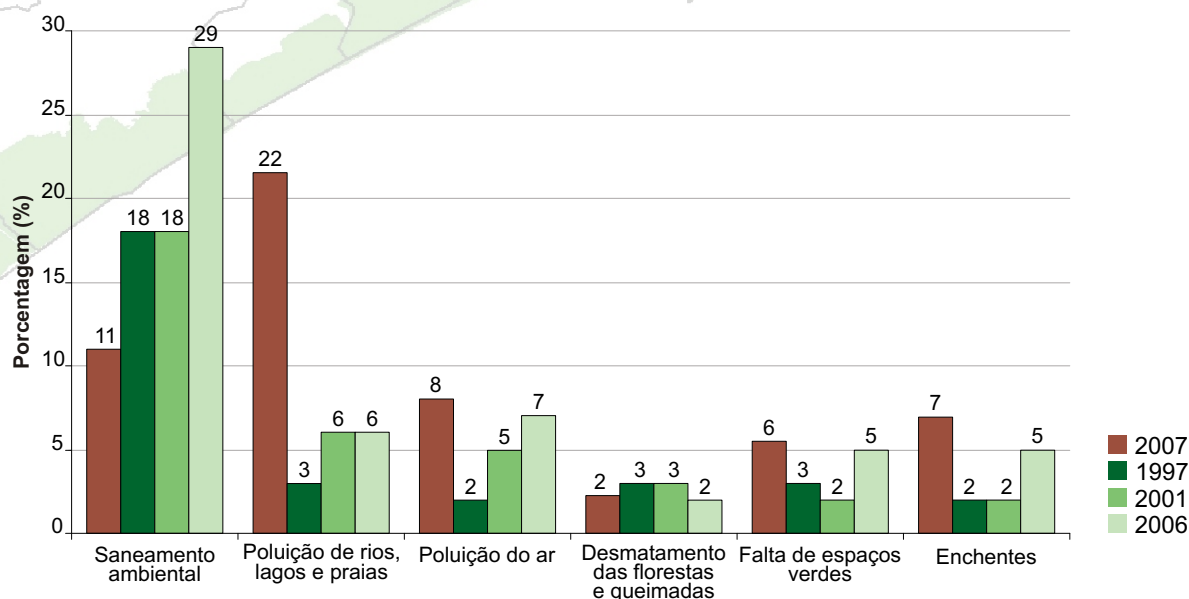


6. Ambiente, riscos e perigos

Principal problema ambiental do País



Principal problema ambiental do Bairro



OBS: Na pesquisa nacional do MMA/ISER foram admitidas múltiplas repostas a esta pergunta.

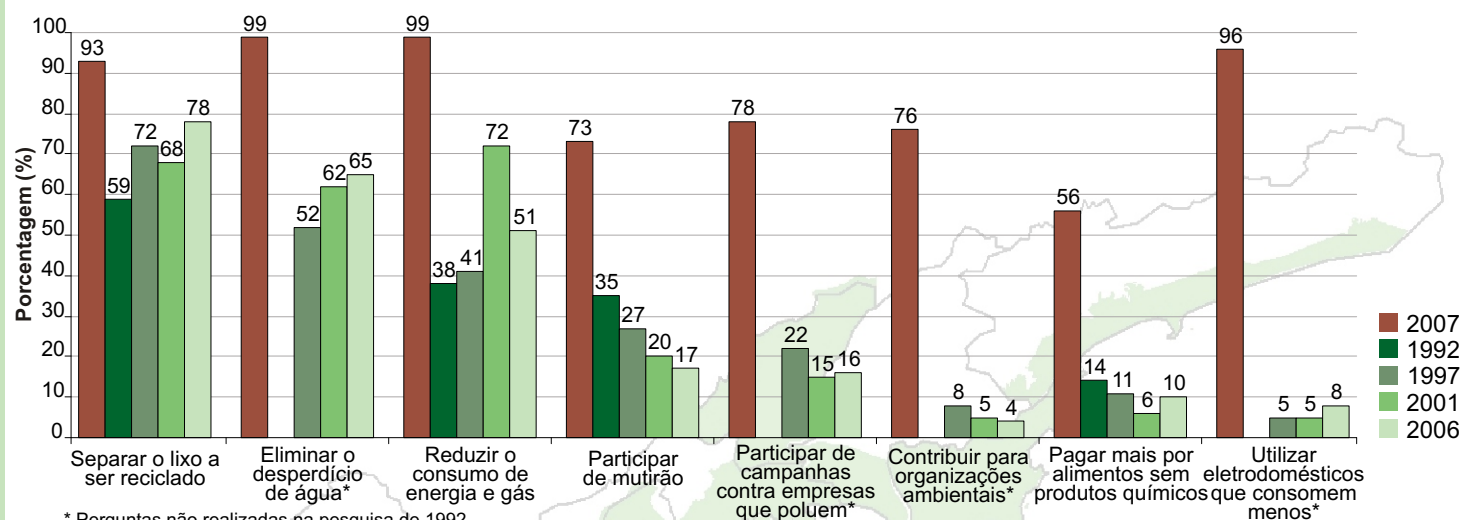
Uma das estratégias de avaliação dos pesquisadores do projeto sobre a percepção ambiental da população foi utilizar como base a pesquisa nacional "O que o brasileiro pensa sobre meio ambiente", já realizada quatro vezes pelo Ministério do Meio Ambiente em conjunto com o Instituto de Estudos da Religião (ISER). Os dados dessas pesquisas nacionais de 1992, 1997, 2001 e 2006 apontam para uma gradativa tomada de consciência do brasileiro acerca das principais questões ambientais, tanto em suas percepções dos problemas, quanto pela sua disposição de ter atitudes pró-ativas neste sentido. Assim, no que diz respeito a presente pesquisa, foram utilizadas como modelo algumas perguntas já aplicadas nos levantamentos nacionais, de modo a permitir uma discussão aproximativa da percepção e da disposição ambiental dos moradores da RMBS em comparação com os dados da pesquisa nacional.

No que diz respeito a estes últimos, pode-se afirmar que uma das perguntas mais conhecidas é "Qual o principal problema ambiental do país?". Em 2001, a pesquisa nacional incorporou também a pergunta "Qual o principal problema ambiental do seu bairro?" - incorporações que também fizemos em nosso questionário, visando abrir uma oportunidade de detectar diferenças nas escalas de percepção na RMBS.

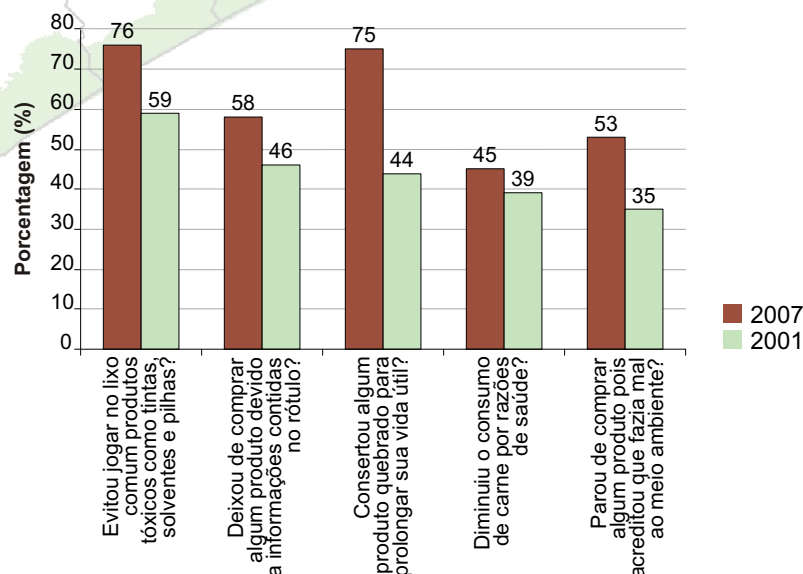
Os três principais problemas ambientais do Brasil também foram identificados pelos entrevistados na RMBS, mantendo, em linhas gerais, as tendências das pesquisas nacionais. Neste sentido, o problema mais apontado pela população brasileira é o desmatamento das florestas, seguido pela poluição de rios, lagos e praias e, por último, a poluição do ar. No que diz respeito à presente pesquisa, na RMBS, pode-se observar que a proporção relativamente menor de incidência em cada uma das respostas, mostra a maior diversidade de problemas apontados pela população, sugerindo uma significativa consciência dos problemas, bem como a maior disponibilidade de informação. Podemos falar, portanto, numa elevada consciência ambiental na RMBS.

Quanto ao maior problema ambiental do bairro, nota-se que também há uma percepção aguda da população acerca de seu ambiente, já que o principal problema apontado é a poluição de rios, lagos e praias (enquanto a pesquisa nacional registrou apenas 6% de pronunciamento sobre este problema em 2006), seguido por saneamento ambiental (que está diretamente ligado ao primeiro) e pela poluição do ar. Destacam-se nos dados da pesquisa nacional de 2001 que 56% não identificaram nenhum problema específico, enquanto que na RMBS houve uma identificação maciça de problemas. No caso da pesquisa nacional, isso pode tanto significar falta de informação quanto uma satisfação relacionada à escolha do local de moradia, diferente dos dados da RMBS que indicam uma percepção acurada do ambiente, principalmente em questões específicas e próximas como problemas e perigos no bairro.

Disposição de realizar ações para preservar o ambiente



Ações para evitar consumo ou poluição praticadas nos últimos 12 meses

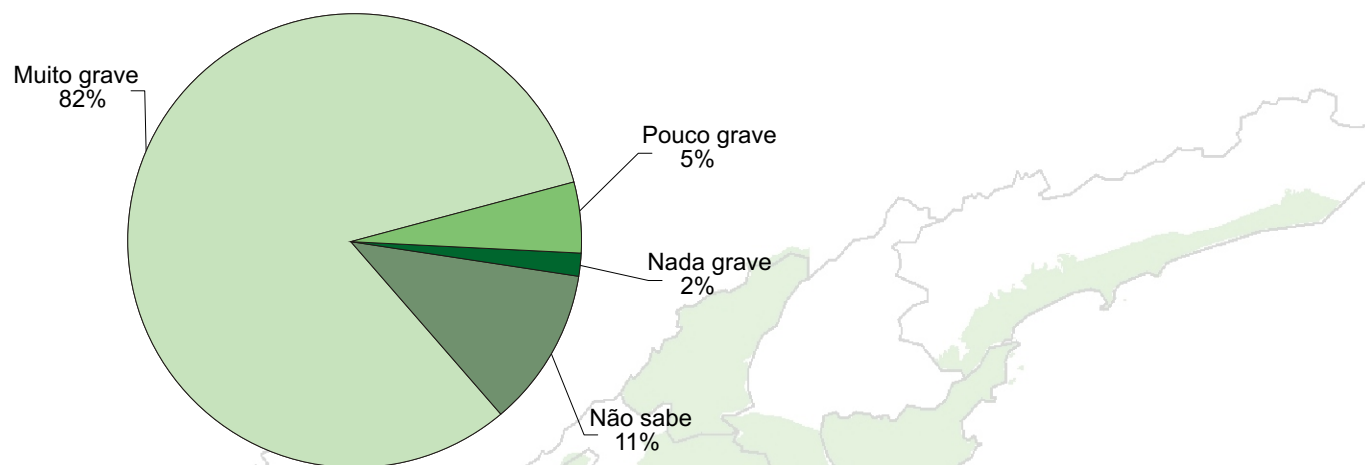


Outro conjunto de informações levantadas na pesquisa nacional e reproduzida em nossa pesquisa foi sobre uma série de ações que as pessoas estariam dispostas a realizar (ou que estejam realizando) para a preservação do ambiente. Essas respostas são importantes para irmos além do acesso à informação ou da consciência ambiental das pessoas, permitindo acompanhar a evolução das atitudes pró-ativas, neste sentido.

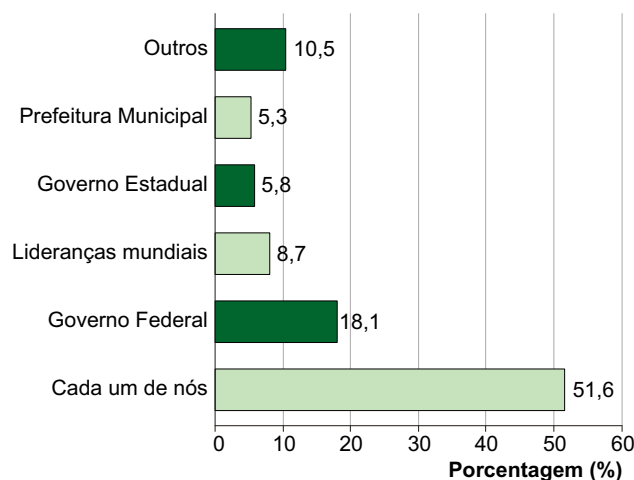
O primeiro conjunto de perguntas procura saber a disposição de realizar determinadas ações para preservar o ambiente, tais como separar o lixo, eliminar desperdício de água, reduzir o consumo de energia etc.

O segundo grupo de perguntas procurou saber de ações praticadas pela população, visando evitar o consumo ou a poluição, nos doze meses anteriores à data da entrevista. Dentre os destaques desses dados, notamos uma quase total disposição de separar o lixo, eliminar o desperdício de água e de reduzir consumo de energia - justamente as ações alvo de campanhas educativas veiculadas na grande mídia - em patamares muito superiores aos das pesquisas nacionais. Deve-se ressaltar que atitudes como as apontadas revertem-se em ganhos econômicos, uma vez que acabam por diminuir as despesas mensais de um domicílio - o mesmo ocorrendo quando se apresenta uma disposição em utilizar eletrodomésticos que consomem menos energia (outra resposta apontada de forma significativa na RMBS).. Entretanto, os dados revelaram uma atitude divergente quando se pensa sobre a disposição em participar de atividades que não estão situadas no âmbito privado da vida cotidiana - e, portanto, acabam por não interferir positivamente na economia doméstica. Assim, apesar de apresentar índices muito elevados de tendência a atitudes ambientais (na comparação com os dados nacionais), pode-se afirmar que, na RMBS, a disposição em participar de atividades ambientais no âmbito público aparece em patamares significativamente mais baixos, sobretudo se o compararmos com as demais ações ambientais questionadas. Quando olhamos as ações praticadas nos últimos doze meses, vemos que não temos números tão altos de positividade, embora tenha-se 79% que afirmaram ter concertado bens (muito superior aos 44% da pesquisa nacional). Embora isso seja um bom sinal de negação do consumismo, por outro, reforça a idéia de que as ações que mais imediatamente praticadas são aquelas que produzem ganhos econômicos. Outro destaque são os 76% que afirmaram ter evitado jogar no lixo comum produtos tóxicos, o que é um excelente índice de ação, apontando uma tendência que têm mudado nos últimos anos.

O aquecimento global é um problema muito, pouco ou nada grave



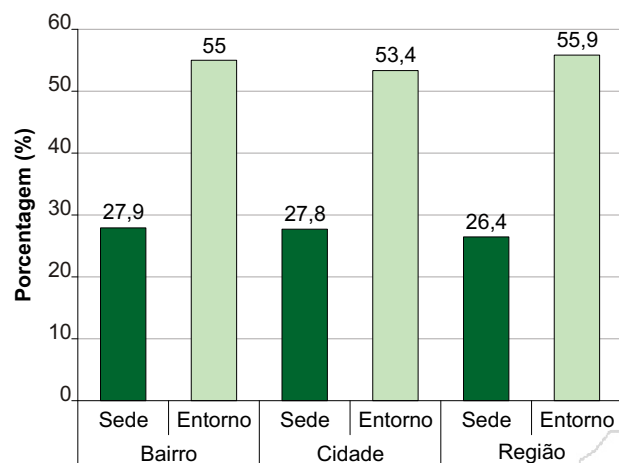
Opinião dos entrevistados sobre a responsabilidade sobre o problema do aquecimento global



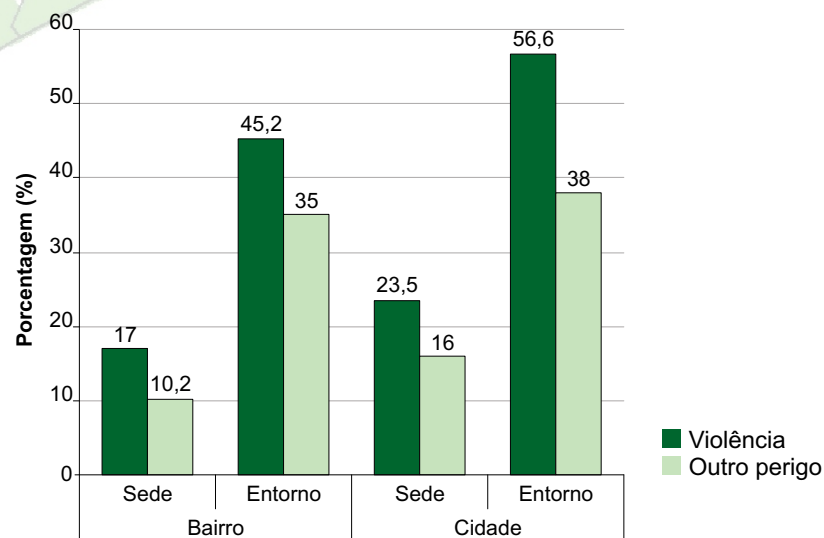
Como um tema em evidência acerca das questões ambientais, o aquecimento global é considerado um problema "muito grave" em 82% dos domicílios. De modo geral, é unânime esta questão enquanto um problema que preocupa a população. Merece destaque o fato de que em 11% dos domicílios, a resposta foi "não sabe"; esta resposta pode ser entendida de duas formas: ou a pessoa não soube avaliar a gravidade do problema ou não sabia o que era o aquecimento global. Em ambos os casos, pode refletir uma relativa conscientização ambiental nessa região.

Essa afirmação é reforçada a partir do segundo gráfico que apresenta a atribuição das responsabilidades em enfrentar os desafios do aquecimento global. Quando perguntados sobre isso, a grande maioria (51%) declarou "cada um de nós", seguido, de longe, por aqueles que atribuem a responsabilidade ao Governo Federal. Merece destaque, ainda, o fato de que o peso atribuído ao governo local (Prefeitura Municipal) é praticamente o mesmo que aquele dado aos empresários. Provavelmente, essa questão está associada à percepção de que as empresas e indústrias são grandes poluidores.

Há vantagem de morar nesse bairro, cidade e região?



Percepção da violência e outros perigos no bairro e na cidade



Na RMBS, o peso relativo da sede metropolitana em termos de qualidade de vida, educação e escolhas residenciais, é menor do que aquele das metrópoles clássicas, consolidadas no auge do período industrial brasileiro. Assim, uma das formas de observar as diferenças espaciais dos dados é comparar as respostas da sede (município de Santos) com os demais municípios da RM. Essa comparação revela diferenças importantes. No geral, os dados mostram que há uma maior disposição do entorno de participar de ações pró-ativas para proteção do meio ambiente, com valores médios afirmativos às perguntas na ordem de 37,68%, enquanto na sede os números ficaram em 30,95%.

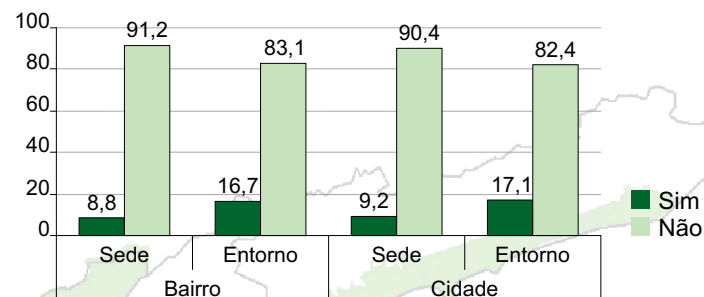
Como se vê, os dados revelam uma maior satisfação dos moradores do entorno com seu bairro e cidade, bem como com a própria região, mesmo admitindo terem mais medo e identificarem mais perigos na vizinhança. Desses moradores, 55%, 53,4% e 55,8% vêem vantagem em morar em seu bairro, cidade e região, respectivamente, contra 27,90% (bairro), 27,8% (cidade) e 26,4% (região) dos moradores da sede. Já a percepção dos perigos apresenta uma relação inversa com esta satisfação, já que, tanto o perigo da violência quanto outros perigos, são mais temidos no entorno do que na sede.

Foi perguntado também se a pessoa identificava seu bairro e cidade como fontes de violência, e as respostas apresentam a mesma tendência em relação às diferentes percepções entre moradores da sede e do restante da região: os santistas identificam menos sua cidade e bairro como fontes de violência do que os moradores das demais cidades. O padrão se repete com outros perigos, que são percebidos em proporção muito menor do que a violência, em todas as escalas.

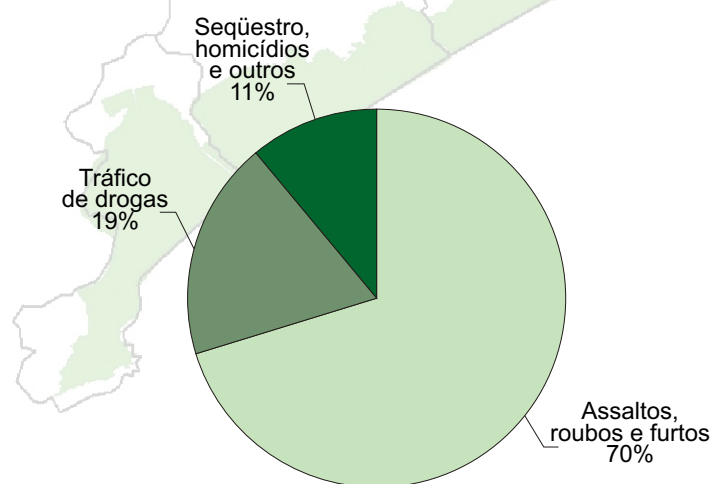
Outros perigos ambientais no bairro e na cidade

	Bairro %	Cidade %
Inundação, enxurrada, deslizamento	17,6	15,1
Poluição do ar	4,1	5,7
Trânsito, acidentes de carro	23,3	34,5
Manutenção do bairro: Terrenos baldios, lixo, problemas sanitários	47,1	32,9
Outros	7,8	11,7
Total	100	100

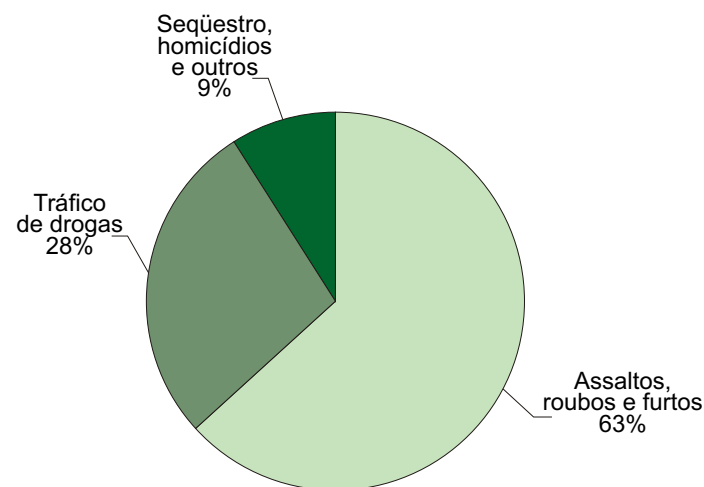
Alguém da sua família já foi atingido diretamente por algum perigo?



De que forma a violência é um perigo em sua cidade?



De que forma a violência é um perigo em seu bairro?



Embora a percepção dos perigos e da violência em si seja significativa na RMBS, há nuances que interferem nessa percepção, ajudando a formular possíveis explicações. Uma delas é observar os diferentes perigos identificados. No caso da violência, o mais citado foi "roubos e assaltos", mencionado por 54% dos entrevistados, no caso do bairro, e 59%, no caso da cidade. Em relação a outros perigos, dos 51% de pessoas que disseram que há outro perigo no bairro além da violência, 42% apontaram a poluição do ar. Enquanto isso, em relação à própria cidade, dos 54% que afirmaram que há outro perigo além da violência, 38% apontaram como perigo a poluição do ar.

A distância entre o que é percebido e o que é efetivamente vivido, no entanto, se faz presente quando perguntamos se alguém da família já fora afetado por alguns daqueles perigos. Dos moradores da sede, apenas 8,8% afirmaram terem sido atingidos por algum perigo do bairro, enquanto o mesmo índice ficou em 16,7% no entorno - o que se considera um número elevado. Quanto a terem sido afetados por perigos na cidade, 9,2% na sede e 17,1% no entorno responderam positivamente. Isso aponta para a importância da comunicação do risco, entre outros fatores, para que a sensação de segurança/insegurança aumente ou diminua na cidade; além disso, aponta também como o bairro é o meio imediato e mais significativo de proteção.